

**A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DO MENOR
NO CONTEXTO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista no curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos, Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão/ Universidade Federal do Paraná, sob a orientação das professoras Rossana Finau e Angela Mari Gusso.

FRANCISCO BELTRÃO

1998

**A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DO MENOR
NO CONTEXTO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista no curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos, Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão/ Universidade Federal do Paraná, sob a orientação das professoras Rossana Finau e Angela Mari Gusso.

FRANCISCO BELTRÃO

1998

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inspiração, força e perseverança.

Aos professores do curso, em especial às professoras Rossana Finau e Angela Gusso, pela orientação no decorrer do trabalho.

Aos meus familiares, pela compreensão e paciência nos momentos de ausência.

À minha filha Caroline pela colaboração na digitação do trabalho.

Aos colegas do grupo de estudo, pelos momentos de reflexão que, apesar de cansativos, foram divertidos.

A PALAVRA

A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animais, é a mais sublime expressão da natureza; ela revela o poder do Criador e reflete toda a grandeza de sua obra divina.

Icorpórea como o espírito que a anima, rápida como a eletricidade, brilhante como a luz, colorida como o prisma solar, comunica-se ao nosso pensamento, apodera-se dele instantaneamente, e o esclarece com os raios da inteligência que leva no seu seio.

Mensageira invisível da idéia, Íris celeste do nosso espírito, ela agita as suas asas douradas, murmura ao nosso ouvido docemente, brinca ligeira e travessa na imaginação, embala-nos em sonhos fagueiros, ou nas suaves recordações do passado.

Reveste todas as formas, reproduz todas as variações e nuances do pensamento, percorre todas as notas dessa gama sublime do coração humano, desde o sorriso até a lágrima, desde o suspiro até o soluço, desde o gemido até o grito rouco e agonizante. (...)

Eis o que é a palavra, meu amigo: simples e delicada flor do sentimento, nota palpitante do coração, ela pode elevar-se até o fastígio da grandeza humana, e impor leis ao mundo do alto desse trono que tem por degrau o coração e por cúpula a inteligência. (...)

A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito.

(José de Alencar)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - REPENSANDO O ENSINO DA LÍNGUA	02
CAPÍTULO II - UNIDADE DE TRABALHO	13
TEXTO 1 - Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso - Artigo 227	15
TEXTO 2 - Trabalho do Menor: Indicadores Sociais	20
TEXTO 3 - Mãos Pequenas	25
TEXTO 4 - Comida	30
TEXTO 5 - Na Escuridão Miserável	35
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

O Curso de Especialização para Educadores de Jovens e Adultos promovido pela FACIBEL de Francisco Beltrão em conjunto com a UFPR, vem nos proporcionar, com a produção desta monografia, a oportunidade de “repensar”o ensino da língua,através da leitura e análise das teorias já existentes, e vem nos oferecer subsídios no sentido de avaliarmos e reorganizarmos a nossa prática pedagógica.

Este “repensar”nos instrumentalizará para compreender a verdadeira dimensão dos atos de ler, ouvir, compreender, falar e escrever, atividades estas de fundamental importância para que o indivíduo possa ampliar seu universo vivencial através da assimilação de novos conhecimentos que, unidos ao seu saber já constituído, lhe proporcionarão uma melhor compreensão do mundo.

A realização deste trabalho nos oportunizou uma “conversa”muito produtiva com autores de renome, como Faraco (1992), Mandryk (1987), Possenti (1996), Soares (1989), Cagliari (1997), Lajolo(1984) e outros, de cujas idéias tomamos conhecimento através da leitura de suas obras e do Currículo Básico do Estado do Paraná.

A análise dessas idéias representa o ponto de partida para a mudança. Mudança no modo de pensar, de agir, de ver, de deixar de lado as práticas pedagógicas que não contribuem em nada para o desenvolvimento de um trabalho criativo e produtivo no sentido de nos formar e formar o aluno para o pleno exercício da cidadania.

Na busca da realização deste objetivo maior é que apresentamos, no primeiro capítulo, o resultado do estudo dos autores cujas idéias fundamentaram o trabalho prático desenvolvido no segundo capítulo.

O caminho está aberto. É necessário, porém, que nos empenhemos nesta mudança, com competência, entusiasmo e criatividade para que nosso objetivo seja atingido.

CAPÍTULO I

REPENSANDO O ENSINO DA LÍNGUA

Esta unidade de ensino tem por finalidade propiciar aos envolvidos na educação a oportunidade de, através do estudo das teorias já existentes, “repensar” a prática pedagógica arcaica vigente ainda na escola, tendo como ponto de partida a análise da linguagem e sua importância na inter-relação do homem com seu semelhante e com o mundo.

A linguagem é o ponto de encontro do homem com a realidade, portanto é necessário contemplá-la enquanto efetivamente usada em situações reais. Não cabe tratar a linguagem como um conjunto de frases “corretas”, ou como um mero código, como um instrumento, como uma entidade autônoma, encerrada em si mesma e desvinculada do social e da história, ou ainda como um fenômeno apenas psicológico. Temos de vê-la em sua efetiva realidade que é a da interação social.

Segundo MANDRYK (1987), a linguagem se define nos inumeráveis encontros dialógicos de locutores e interlocutores. É claro que não são apenas indivíduos isolados que se encontram dialogicamente, mas sujeitos socialmente organizados, isto é, pessoas cujas atividades verbais revelam história, grupos sociais, práticas coletivas, visões-de-mundo e experiências pessoais diferentes. A linguagem é, por conseguinte, uma infinidade de discursos diferentes, amarrados a diversas cosmovisões.

As variedades da língua são, portanto, resultado das particularidades das experiências históricas do grupo que fala: como este grupo se constitui, como ele está socialmente organizado, como é o seu trabalho e assim por diante. Dessa diferenciação decorre o fato de cada grupo falar diferentemente, determinando assim que qualquer língua seja sempre um conjunto heterogêneo e complexo de variedades.

Outro ponto importante a ser considerado é que as variedades lingüísticas constituem conjuntos organizados, isto é, as variedades se equivalem e não há como diferenciá-las em termos de valor como melhor ou pior, certo ou errado, todas têm organização e todas servem para articular experiência do grupo que as usa, fornecendo-lhe a base da interação. Há que se esclarecer, porém, que algumas variedades, por razões sociais e históricas tem prestígio, enquanto outras não.

Para POSSENTI (1986), as variedades prestigiadas constituem o que chamamos de variedade padrão que representa um ideal de língua cultivado pelos grupos hegemônicos e que exerce poderosa pressão sobre o sistema escolar, sobre os meios de comunicação social e sobre a imagem que as pessoas constroem de sua língua.

A tarefa de ensinar a chamada “variedade padrão” pertence à escola que, infelizmente, não tem cumprido da forma que deveria, pois apresenta ao aluno apenas o “discurso pedagógico, o “discurso do livro didático” que se resume em regras de gramática, tentativas de explicação do funcionamento da língua. A escola apresenta ao aluno uma realidade lingüística desvinculada de seu cotidiano e o resultado é desastroso.

A linguagem padrão é importante elemento de comunicação, pois permite às pessoas comunicar-se com facilidade, apesar das diferenças, e também permite integrar-se na vida cultural do país, ter acesso aos meios de comunicação, à ciência e a literatura, aos vestibulares, concursos, etc.

GERALDI (1985) afirma que ao professor de língua portuguesa cabe ter presente que as atividades de ensino devem oportunizar aos seus alunos o domínio da norma padrão sem, contudo, desvalorizar a forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social.

O que acontece, no entanto, nas escolas é que o ensino de língua portuguesa consiste em exigir que os alunos saibam fazer atividades de análise da variedade padrão quando nem sequer dominam esta variedade.

Para FARACO/MANDRYK (1987), a escola, na maioria das vezes, ignora o poder de flexibilidade da língua e trabalha a mesma como algo rígido, que não pode ser mudado, impedindo as pessoas e a sociedade de adquirirem novas visões-de-mundo, de inovar e criar, de reconstruir o seu modo de falar.

O ler, o escrever e o falar são tratados burocraticamente pela escola que insiste no ensino da gramática pela gramática, em temas supérfluos, no apego à síndrome do erro e, deve-se reconhecer que este modo arcaico de ensinar a língua é poderoso, pois resiste a anos e anos de críticas, resiste como imagem referencial de professores, administradores escolares, autores de livros didáticos, elaboradores de provas e concursos, imprensa e público em geral.

Isso, porém, não quer dizer que o novo não está presente no processo de ensino da língua. As propostas de reformulação de ensino da língua portuguesa optam pelo novo

respondendo às exigências da modernização da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, garantindo ao estudante o efetivo domínio da oralidade, leitura e escrita, procurando levar em conta o seu saber já constituído, o seu conhecimento de mundo, garantindo-lhe uma perfeita integração e compreensão dos fatos sociais e propiciando-lhe condições para o desenvolvimento da sua capacidade criadora, levando-o a agir como sujeito do processo de transformação da sociedade da qual faz parte.

Optar pelo novo, é ter em mente o direito de todo o cidadão à educação lingüística. O domínio das atividades verbais é uma importante dimensão da cidadania. Nesse sentido, não é demais lembrar que cada um se constitui em meio a uma intrincada rede de relações interacionais, ou, em outros termos, a linguagem é uma prática social pela qual nos constituímos como sujeitos históricos e agimos como sujeitos históricos.

Ao falarmos em direito à educação lingüística, ao vermos este direito como dimensão da cidadania, ao destacarmos que o sujeito se constitui em meio a (e por meio de) atividades verbais estamos nos orientando por uma concepção de linguagem que a torna com um conjunto de práticas interacionais, social e historicamente constituídas e se constituindo.

Garantir a todos o domínio pleno das atividades verbais, ou seja, o domínio da leitura, da escrita, da fala em situações formais (variedade padrão) e a compreensão da realidade social, histórica e estrutural da linguagem, é obrigação do sistema escolar, dos responsáveis direitos por ele e, particularmente, dos professores de língua portuguesa.

Pode-se até dizer que estes já são objetivos do ensino de português tradicional, o que é verdade apenas em parte. Primeiro porque na prática, no dia-a-dia escolar, o centro do ensino continua sendo o repasse de conteúdos gramaticais, prática esta que muitos justificam ser excelente para o domínio da escrita e da fala o que, é lógico, nunca foi comprovado.

Em segundo lugar porque as palavras não apresentam um único e absoluto significado. As palavras *leitura*, *escrita* e *fala* podem adquirir diferentes significações em diferentes programações do ensino de português.

Pode-se tomar a linguagem em diversas acepções: como código, dom natural, instituição, mas somente quanto a tomarmos como atividade interacional é que estaremos considerando a leitura, a escrita e a fala como atividades sociais, entre sujeitos históricos que realizam ações com a linguagem, levando ao outro em consideração no momento de tecer o

seu discurso para adequá-lo ao outro e à situação no processo de interlocução. É o domínio da linguagem que deve ser priorizado.

Os sujeitos dos processos de interlocução devem entender que estes processos modificam as pessoas. Através da argumentação, por exemplo, o inaceitável se torna aceitável e os recursos expressivos se tornam relevantes na constituição do significado.

Neste sentido há que se entender também que não são só os elementos lingüísticos, mas também os extralingüísticos (da situação histórica) que entram no jogo. É preciso analisar quem fala, o que se fala, para quem se fala, o momento, a entonação da voz para poder construir o significado.

Em qualquer atividade lingüística é, portanto, fundamental reconhecer a presença do outro - quer aquele que me convida à interlocução através dos textos que leio ou escuto, quer aquele a quem convido à interlocução, visto que é destinatário dos meus textos orais ou escritos.

Nesta perspectiva vale analisar-se mais detalhadamente os objetivos do ler, escrever e falar. Quanto à leitura deve-se ter presente que não se lê texto isolado; não se lê texto como uma máquina decodificadora; não se lê texto como pretexto para exercícios gramaticais. A leitura deve ser crítica.

Ler criticamente, perder a ingenuidade diante do texto dos outros, perceber que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão-de-mundo, uma intenção. A leitura deve ser uma oportunidade de mergulhar no universo conceitual do outro.

Ler compreensivamente, o que implica responder ao texto, concordando com ele, discordando dele, rindo dele, emocionando-se com ele, aplaudindo-o, rejeitando-o, assimilando-o, repetindo-o, redizendo-o, parodiando-o .

O CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ (1992) deixa claro que, a leitura deve ultrapassar a compreensão da superfície. Deve ser, mais que o entendimento das informações explícitas, um processo dinâmico entre sujeitos que instituem trocas de experiências por meio do texto escrito. É preciso que o aluno leia o explícito, mas também o implícito, o subentendido, o extra-lingüístico. É preciso que em qualquer atividade de leitura a intenção do autor seja reconhecida.

O sentido do texto não é algo pronto. O leitor, através da sua ação com o seu jeito próprio de dialogar com o texto e que descobrirá o seu significado. A construção do sentido se dá no ato da leitura, a partir do texto. Para Mariza Lajolo (1982:59):

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.”

O autor de um texto, ao escrevê-lo, atribui-lhe uma significação, imagina seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez constrói o texto na sua leitura atribuindo-lhe a sua significação. Por isso se pode falar em leituras possíveis e em leitor maduro. Segundo Mariza Lajolo (1982:53):

“A maturidade do leitor é construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida.”

Quando se tem clareza de que leitura constitui uma dimensão fundamental do domínio da linguagem torna-se necessário e urgente repensar a prática de leitura vigente nas escolas.

A instituição escolar, de maneira geral, tem realizado um trabalho com leitura de textos que na maioria das vezes serve apenas como pretexto para resolver questões gramaticais e preparar o educando para ler e escrever narrações, dissertações, descrições e cartas. Ele é treinado para reproduzir textos modelares, com regras fixas pré - estabelecidas e numa linguagem escolar distante da realidade. Esse trabalho, geralmente, leva o aluno a decodificar sem compreender e escrever sem expressividade. Esta perspectiva utilitarista e

moralista (textos com boas mensagens e bons conselhos) reduz a leitura a uma simples formalidade, um ato burocrático.

Para reverter esta prática é necessário ter presente que o leitor maduro não é um sujeito passivo, mas alguém que constrói a interpretação, o significado numa relação de diálogo com o autor através do texto.

Um dos caminhos para se atingir os reais objetivos da leitura é a exploração de textos diversificados - verbais e extraverbais - textos práticos (bilhete, anúncio, cardápio, convite, manual de instruções, bulas de remédio, receitas, etc.); textos informativos (texto jornalístico, enciclopédia, dicionário, gramática, mapa, etc.); textos literários (poemas, contos, crônicas, fábulas, novelas, etc.); textos de opinião, dissertativos, os publicitários e os textos extraverbais (pintura, escultura, música, mímica, arquitetura, etc.).

Vale ressaltar que observando-se os tipos de textos que são colocados à disposição dos alunos nas aulas da língua portuguesa, é necessário reconhecer que, infelizmente, as leituras realizadas em outras disciplinas do currículo são menos artificiais que as realizadas em Língua Portuguesa.

Outro caminho a seguir é recuperar na escola, e trazer para dentro dela, o prazer de ler. Isto pode acontecer através de momentos de interação entre professor e alunos e entre alunos, através do diálogo sobre os textos lidos e da valorização da leitura do outro.

No que diz respeito ao trabalho com a oralidade, a meta principal deve ser a busca da clareza na exposição de idéias e da consistência argumentativa na defesa dos pontos de vista.

A escola deve proporcionar ao educando subsídios e condições para que ele aprenda a falar com fluência em situações formais, em atividades de transmissão de informações, de exposição de idéias, de troca de opiniões, de defesa de pontos-de-vista, de representação. Ele deve ter condições de falar, adequando à linguagem às circunstâncias (aos interlocutores, ao assunto, às intenções) utilizando a norma padrão oral quando necessário e aproveitando a riqueza, os imensos recursos expressivos da língua. Ao educando deve ser proporcionada, também, a oportunidade para a convivência democrática, quer pelo exercício do direito à livre expressão, quer pelo reconhecimento do direito do outro à livre expressão.

Ao ingressar na escola o aluno já tem um desempenho e uma competência satisfatórios em relação a linguagem. O problema que se coloca para a escola, é que este aluno traz para a mesma muitas coisas diferentes, especialmente a linguagem. A escola tem que definir o que ela (a escola) pode e deve fazer diante do conflito lingüístico que nela se cria, pela diferença existente entre a linguagem das camadas populares e a linguagem instrumento e objetivo dessa escola, que é a norma padrão, ou seja, a linguagem das classes dominantes.

Assim, conforme coloca SOARES (1989), o professor pode se defrontar, num mesmo grupo, com um número razoável de variedades lingüísticas orais. Em vez de desconsiderar estas variedades tentando impor um uso padronizado de língua inacessível ao aluno o professor deve aproveitar esse universo de manifestações lingüísticas para iniciar seu trabalho de ensino e análise da língua. Deve promover a utilização dessas formas em situações de comunicação diversas através das quais o aluno crie seu discurso próprio, particularize seu estilo e expresse com objetividade e fluência suas idéias. A partir daí o aluno vai, aos poucos, apercebendo-se de que a língua é um conjunto de variedades, e que não há uma variedade melhor ou pior do que a outra, há apenas diferenças.

Levando em consideração os elementos que compõe o ato comunicativo, o aluno perceberá também que há variedades mais ou menos adequadas, mais ou menos aceitas, dependendo do contexto ou situação em que ocorrem e dos participantes.

A partir desse conhecimento adquirido pelo aluno é que o professor pode ensinar o novo, sensibilizando-o no que se refere ao uso da variedade padrão e da importância de se dominar essa variedade.

O mais importante porém, é que a escola desenvolva seu trabalho de oralidade procurando sempre proporcionar ao aluno condições para que ele exponha com clareza e fluência suas idéias e que tenha consistência argumentativa na defesa de seus pontos de vista.

A produção oral deve ser vista como um procedimento fundamental para a própria aprendizagem da produção escrita, função esta que também não está muito clara para a escola, visto que passa dela uma falsa imagem para o aluno. As atividades escritas são simuladas e artificiais. Escreve-se para o professor corrigir e dar nota no final do bimestre, negando assim a finalidade primeira da escrita que é: dizer alguma coisa para alguém. É importante, antes de se propor conteúdos e estratégias que auxiliem o aluno a desenvolver uma concepção de escrita clara e objetiva.

O texto escrito exige que o autor tenha presente, em primeiro lugar, que o seu texto será lido por uma ou mais pessoas. Esta noção de interlocutor, isto é, o perfil daquele que vai ler o texto, é que vai condicionar parte de nossa linguagem; é a imagem que se faz dele que levará o autor a fazer uma determinada opção no que diz respeito ao assunto e a maneira de expô-lo. O autor deve sempre se colocar no lugar do leitor, julgando e reescrevendo o texto, sempre na busca de maior clareza.

É preciso ter presente também que a comunicação escrita é diferente da comunicação oral. Uma das principais diferenças é que na comunicação escrita há necessidade de maior explicitação de detalhes que na comunicação oral são substituídos por gestos, olhares, entonação de voz, etc.

Na língua oral estão presentes a variedade dialetal, as redundâncias, a repetição, a mudança de assunto que não comprometem a compreensão global do assunto. Já na linguagem escrita, é necessária a unidade temática e coesão entre as partes, a concisão, a coerência e o respeito à apresentação formal, ou seja, o uso de parágrafos, letra maiúscula, pontuação, acentuação, etc.

A produção de textos não deve ser uma atividade isolada. Deve-se sempre partir da leitura e discussão de outros textos, leitura contrastiva que apresenta pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema. Os debates, os levantamentos de idéias, a clareza de objetivos conferem sentido ao texto escrito.

Nas séries iniciais deve-se dar ênfase ao trabalho com textos ficcionais e produção de narrativas. Nas séries seguintes trabalhar mais com textos informativos, buscando sempre a consistência argumentativa, quando se tratar de textos dissertativos. A clareza, a coerência, a coesão e o nível argumentativo podem ser trabalhados nos textos publicados ou nos textos dos próprios alunos.

Quando se tratar de textos escritos pelos alunos podem acontecer muitos desvios e o professor deve aproveitá-los para ajudar aos alunos desenvolverem o seu desempenho na língua escrita. Só assim eles terão condições de aprimorar o seu texto e adaptá-lo às exigências formais e funcionais que a escrita lhes impõe. É interessante, também, no trabalho com os textos, propor exercícios no sentido de identificação de idéias principais e acessórias e, a partir disso, elaborar sínteses.

Todo o trabalho com textos deve levar o aluno a entender como o texto se organiza, quais os elementos usados para lhe dar sentido, a flexibilidade da língua e que o texto não é um amontoado de frases soltas, mas um todo significativo cujos elementos devem estar interligados.

As questões que se referem ao domínio da norma padrão da língua também devem ser trabalhadas dentro do próprio texto. O aluno deve desenvolver esta compreensão a partir da análise da variedade padrão e da não padrão. O professor deverá criar situações para que o aluno se aproprie cada vez mais das estruturas da língua padrão sem, contudo, fazer disso o motivo principal do seu trabalho.

No que se refere a textos escritos por crianças o professor deve incentivá-las, deixá-las escrever livremente, sem roteiros, sem estabelecer limites e sem corrigi-las demais. Observe-se o que diz Cagliari (1997:129).

“Quando as crianças vão escrever, não é necessário que se estabeleça um roteiro anterior; os roteiros nesta fase só atrapalham. Elas precisam escrever o mais livremente possível.

E ainda:

O que não se deve fazer é pedir que contem uma história em cinco linhas usando dó palavras conhecidas, e respondam a perguntas do tipo: quem, quando, onde, como, porquê, etc. Esse tipo de camisa-de-força é altamente inconveniente, pois quebra a iniciativa da própria criança e limita sua reflexão pessoal.

E mais:

É preciso não corrigir demais as crianças: deve-se dar tempo para que aprendam e incentivar a autocorreção, a autocrítica. Quanto mais se tenta facilitar, orientar e corrigir tudo que a criança faz, menos ela reflete sobre sua ação”.

No que diz respeito à prática da análise lingüística é necessário, antes de mais nada, tecer algumas considerações de ordem geral sobre este tipo de atividades. A análise lingüística que se pretende deve partir, não de textos “bem escritos” e selecionados pelo “fazedor de livros didáticos”. Ao contrário, o ensino gramatical só tem sentido se for para

auxiliar o aluno e, para isso, deve partir dos próprios textos do aluno que serão lidos e trabalhados em classe.

✧ Não se deve ensinar a gramática pela gramática, como acontece no ensino tradicional, e, muito menos, acreditar que para privilegiar o ensino da língua deve-se deixar de lado a gramática.

Dominar as atividades verbais não é uma prática desprovida de teoria: as atividades verbais e a reflexão sistemática sobre elas caminham juntas e se influenciam mutuamente.

Para ler e escrever bem é necessário, portanto, o conhecimento da natureza das palavras, a intimidade com elas; o conhecimento de suas relações na oração, sua sintaxe; o conhecimento do discurso na sua voz e no seu silêncio.

Para ler e escrever é necessário analisar a parte e o todo perceber igualdades e desigualdades, semelhanças e diferenças descobrir as incoerências, conviver conscientemente com o mundo das palavras onde se grafam e se gravam as coisas e a vida.

Portanto, segundo ILARI (1987), o estudo dos conteúdos gramaticais deve ser feito sempre contextualizado e de forma funcional, se bem que isto não é, no momento, uma tarefa fácil. Primeiro porque na escola prevalece o contrário. Segundo, porque os cursos de formação ainda não superaram a maneira arcaica de ensinar a língua. Terceiro, porque as próprias gramáticas são manuais de qualidade duvidosa, confusas em seus conceitos e contraditórias em suas afirmações, com uma concepção fragmentada da língua e uma visão muito superficial da realidade lingüística.

Um dos grandes desafios do trabalho pedagógico na busca de metodologias que visam facilitar o trabalho com o conhecimento é o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

Esses projetos caracterizam-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa.

Nos projetos interdisciplinares há que se estabelecer: o que é, quem faz, para que faz, como se faz e a principal característica é a capacidade de motivar para a reflexão de forma cooperativa na busca do consenso.

O trabalho interdisciplinar é de fundamental importância na produção do conhecimento e na formação do indivíduo como ser social e como sujeito e objeto do conhecimento social.

CAPÍTULO II

UNIDADE DE TRABALHO

A escola através do seu trabalho com o conhecimento, tem por finalidade concretizar a sua função social, que é a formação para a cidadania, propiciando aos educandos, através do processo ensino-aprendizagem, a apropriação de instrumentos de comunicação e de conteúdos culturais básicos para que possam compreender a sociedade em que vivem e possam contribuir para a sua transformação.

Como professores educadores, acreditamos que o processo ensino-aprendizagem não se resume numa mera transmissão de conhecimentos, mas, primordialmente, num processo de interação através do qual se constrói o conhecimento.

A produção deste módulo de ensino é uma tentativa de provocar a interação professor-aluno numa construção conjunta de conhecimentos e habilidades de uso da língua materna e sobre a língua materna.

Através das atividades propostas, de oralidade, leitura e escrita, visamos proporcionar ao educando oportunidade para um posicionamento ativo e crítico que o leve a dialogar com os textos e, utilizando as suas leituras-de-mundo, seja levado a vivenciá-los, reconstruindo o seu sentido como experiência pessoal.

Através do estudo, o aluno também é estimulado a perceber o momento histórico e a intencionalidade dos autores ao produzir os textos.

A escolha do tema: “Exploração do trabalho do menor, no Brasil” tem por finalidade levar o aluno a refletir a posicionar-se criticamente em relação a este grave problema social que envergonha a nação brasileira e coloca o Brasil no banco dos réus como um dos países que mais exploram a mão-de-obra infantil, problema para o qual a família, a sociedade e o Estado não encontram solução.

Reforçando a idéia de que o compromisso da escola é formar o homem pensante, o cidadão responsável e consciente da sua participação na transformação da sociedade, oferecemos a oportunidade de estudo do tema aos alunos da 1ª. série do Ensino Médio, curso

de Educação Geral, período noturno, muitos dos quais vivem e/ou convivem com o problema de exploração da mão-de-obra do menor.

Objetivamos também levar os jovens e adolescentes a conscientizar-se da importância da formação oferecida pela escola na construção do seu conhecimento para que, detentores do saber possam também exercer o poder de transformar suas vidas e a sociedade através do exercício pleno da cidadania.

Quanto à avaliação dos trabalhos, levaremos em conta as relações interativas no âmbito do processo ensino-aprendizagem: professor - aluno - conteúdo - contexto sócio-histórico, método didático, metodologia de ensino, tendo como finalidade analisar o processo de aquisição do conhecimento pelo aluno e tomada de decisões sobre as necessidades de reformulação do próprio processo com vistas a educar para transformar.

CAPÍTULO II

UNIDADE DE TRABALHO

TEXTO 1

DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE E DO IDOSO - ART. 227.

Objetivos:

- Proporcionar ao aluno o contato com a Constituição da República Federativa do Brasil.
- Dar ao aluno a oportunidade de obter esclarecimentos a respeito do Estatuto do Menor e do Adolescente, entendendo com clareza seus direitos e deveres.
- Propiciar ao aluno a compreensão e interpretação das idéias do texto, bem como entender a esquematização das leis em capítulos, parágrafos, incisos, etc.
- Dar ao aluno a oportunidade de entender a funcionalidade da língua.
- Oportunizar ao aluno a realizar pesquisas com clareza e entendimento do assunto.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura em voz alta.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Comentários;
- Palestra;
- Interpretação;
- Produção de texto (pesquisa).

Conteúdos de Análise Linguística:

Conteúdos de Análise Lingüística:

- Pronomes;
- Pontuação;
- Conectivos;
- Acentuação gráfica;
- Expressões e palavras de sentido equivalente;
- Reescrita.

Duração: 04 horas/aula.

Avaliação: A avaliação será feita pela pesquisa realizada e pelo desenvolvimento das atividades.

DA FAMÍLIA, DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE, DO IDOSO

ARTIGO 227.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Parágrafo 3º - O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I - idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observado o disposto no art. 7º, XXXIII;

II - garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;

III - garantia de acesso do trabalhador adolescente à escola;

(Constituição da República Federativa do Brasil).

1.0 Leitura

1.1 - Leitura silenciosa pelos alunos.

1.2 - Leitura em voz alta pelo professor e/ou aluno(s).

2.0 Oralidade

2.1 - Comentários sobre a Constituição da República Federativa do Brasil.

2.2 - Conversa com um representante do Conselho Tutelar para esclarecimentos a respeito do Estatuto do Menor e do Adolescente.

3.0 Interpretação.

3.1 - O que significa, no contexto, a expressão "...absoluta prioridade..."?

3.2 - Pesquise no dicionário o significado da palavra "dever". A partir daí, comente qual é a verdadeira responsabilidade que recai sobre a família, sociedade e o Estado e diga se estes segmentos sociais estão cumprindo com a parte que lhes compete.

3.3 - Os direitos citados no artigo são usufruídos pelas crianças e adolescentes?

Justifique.

3.4 - Da forma como está organizada a sociedade, há como colocar a criança e o adolescente “a salvo” de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão? Comente.

3.5 - A constituição é lei. Lei é para ser cumprida. Como cumprir o inciso I do parágrafo 3º do artigo 227 da Constituição Federal se o brasileiro, inclusive a criança, procura desesperadamente um emprego?

3.6 - O acesso do trabalhador adolescente à escola é garantido pelo artigo 227, em seu parágrafo 3º.; inciso III. Essa garantia condiz com a realidade? Comente.

4.0 Análise Lingüística

4.1- O pronome oblíquo átono os que aparece na expressão “...colocá-los...”, se refere a que elemento do texto?

4.2 - Reescreva a expressão “...além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência...” substituindo a expressão sublinhada por outra de sentido equivalente.

4.3 - Utilizando-se dos elementos que já foram citados no texto (quem deve garantir e a quem deve ser garantido) reescreva o inciso I do parágrafo 3º., ampliando-o .

4.4 - Nas linhas 3 e 5, a vírgula foi usada para evitar a repetição de um conectivo. Que conectivo é este? Se o empregássemos, no lugar da vírgula, seria um emprego adequado? Justifique.

4.5 - Retire do texto as palavras graficamente acentuadas e, com auxílio da gramática, justifique o uso do acento nas mesmas. A seguir utilize algumas delas em outro contexto e falando sobre o mesmo tema do texto estudado.

5.0 Produção de Texto

5.1 - No inciso I do parágrafo 3º do artigo 227 consta “...observado o disposto no artigo 7º XXXIII.” Pesquise na Constituição Federal sobre esse artigo.

5.2 - Leitura comentada do artigo 7º XXXIII na sala de aula, complementando o trabalho realizado.

TEXTO 2

TRABALHO DO MENOR: INDICADORES SOCIAIS

Objetivos:

- Oportunizar ao aluno o desenvolvimento da expressão oral possibilitando o treino na articulação clara, boa dicção e ritmo das frases.
- Dar condições ao aluno para que apresente com fluência e clareza os fatos ouvindo reflexivamente, com atenção e interesse, os fatos apresentados pelos outros.
- Proporcionar ao aluno, através das atividades de interpretação, uma melhor compreensão do tema estudado.
- Preparar o aluno com vistas à aperfeiçoar e enriquecer o uso da língua como instrumento de comunicação e expressão.
- Propiciar ao aluno a oportunidade de compreensão dos fatos sociais, através da pesquisa, análise e comparação da dados estatísticos.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura em voz alta;
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Comentários;
- Relatos de experiências;
- Interpretação;
- Produção de texto (pesquisa);
- Análise de informações;
- Gráfico.

Conteúdos de Análise Lingüística:

- Conectivos, conjunções;
- Verbos;
- Acentuação Gráfica;
- Advérbios;
- Reescrita.

Duração: 02 horas/aula.

Avaliação: A avaliação será feita pela participação nas atividades orais e de pesquisa.

TRABALHO DO MENOR: INDICADORES SOCIAIS

“É bastante significativo o contingente de crianças e adolescentes que têm uma atividade econômica. Embora o trabalho dos menores ainda seja mais freqüente na área rural, tem aumentado bastante nas áreas urbanas. A idade, o sexo e a condição sócio-econômica da família são variáveis fundamentais para explicar a inserção das crianças e adolescentes no mercado de trabalho.

A maioria dos menores que trabalham são empregados, não tem carteira assinada, ganham salários muito baixos e têm uma carga de trabalho equivalente ou superior a 40 horas semanais”.

(IBGE/UNICEF, Crianças & adolescentes; indicadores sociais. Rio de Janeiro, IBGE, 1987.v.1.p.43.)

1.0 Leitura

- 1.1 - Leitura silenciosa pelos alunos.
- 1.2 - Leitura em voz alta pelo professor e/ou aluno(s).

2.0 Oralidade

- 2.1 - Comentários a respeito dos dados do texto.
- 2.2 - Comentários e relatos de experiências vivenciadas ou presenciadas.

3.0 Interpretação

- 3.1 - Segundo o texto, quais são os motivos que levam o menor e o adolescente a ingressarem no mercado de trabalho?
- 3.2 - Com base na leitura do texto diga o que você entende pelas expressões “...bastante significativo...” e “...variáveis fundamentais...”.
- 3.3 - Na zona rural os menores trabalham na lavoura, nos canaviais. E na zona urbana, quais são as atividades dos menores?

3.4 - A Constituição prevê a obrigatoriedade do ensino fundamental. Há maciças campanhas cujo slogan é: “Toda criança na escola”. Como justificar que uma criança trabalhe 40 horas semanais?

4.0 Análise Lingüística

4.1 - O conectivo embora, que aparece na linha 02, pode ser substituído por outro sem alterar o sentido do texto. Reescreva a frase em que ele aparece, efetuando esta substituição e observando se o sentido não foi alterado.

4.2 - O verbo ter, na linha 01 do texto refere-se a quem? E na linha 03 refere-se a que elemento? Porque, no 1º. caso ele é acentuado e no 2º. caso não?

4.3 - “A idade, o sexo e a condição sócio-econômica da família são variáveis fundamentais para explicar a inserção de crianças e adolescentes no mercado de trabalho”.

Observe o período acima e reescreva-o iniciando por “As variáveis fundamentais para...” e substituindo a palavra sublinhada por outra de sentido equivalente.

4.4 - As palavras área, sócio e família são acentuadas graficamente pela mesma razão. Com o auxílio da gramática, justifique o uso do acento nas mesmas e, a seguir redija um período composto, falando do mesmo assunto do texto e no qual apareçam as palavras em questão.

4.5 - A expressão “... no mercado de trabalho.” Na linha 05 é indicativa de lugar. Busque no texto outras expressões indicativas de lugar e transcreva-as.

4.6 - Reescreva o último parágrafo do texto substituindo as expressões: “...que trabalham...”, “...muito baixos...” e “...equivalente...” por outras palavras de igual sentido.

5.0 Produção de Texto

5.1- O texto estudado fornece dados estatísticos de 1987. Em grupo, pesquisem os dados atuais sobre o tema.

5.2 - Analisar, em classe os dados da pesquisa, comparando-os com os dados anteriores, e depois montar um gráfico.

5.3 - Publicar o resultado da pesquisa juntamente com a análise dos dados, no jornalzinho da escola.

TEXTO 3

MÃOS PEQUENAS

Objetivos:

- Garantir ao aluno a interação com o tema estudado através da leitura silenciosa e a habilidade de ouvir reflexivamente através da leitura do professor.
- Assegurar ao aluno a oportunidade de apresentar opiniões e argumentos confrontando-os com as opiniões e argumentos dos outros, avaliando-as e formulando conclusões.
- Propiciar ao aluno, através da interpretação dos fatos e da análise das informações, ampliar o seu universo vivencial.
- Levar o aluno a internalizar novos recursos de expressão lingüística.
- Dar aos alunos oportunidades de “descobrir” a expressão escrita como forma de comunicação e interlocução.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura em voz alta;
- Interpretação do texto.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Opiniões;
- Comentários;
- Debates;
- Interpretação;
- Produção de texto (dissertativo).

Conteúdos de Análise Lingüística:

- Expressões e palavras de sentido equivalente;

- Conjunções;
- Verbos;
- Pronomes;
- Reescrita;
- Siglas;
- Aspas;
- Iniciais maiúsculas.

Duração: 03 horas/aula.

Avaliação: A avaliação será feita pela compreensão geral da unidade e principalmente pela produção de texto.

MÃOS PEQUENAS

Nem a presença da primeira-dama Ruth Cardoso, na semana passada em Oslo, na Noruega, poupou o Brasil do vexame de se ver, mais uma vez, na condição de réu em um fórum internacional. A Conferência Internacional sobre o Trabalho Infantil, que reuniu quarenta países, colocou sentados, lado a lado, entre os grandes exploradores de mão-de-obra infantil, Brasil, Guatemala, Tailândia, Paquistão e Índia. Com 5 milhões de crianças entre 5 e 14 anos trabalhando nas condições mais adversas, meio milhão das quais com idade abaixo de 10 anos, o Brasil fez por merecer. Falando logo na abertura do encontro, em francês, a primeira-dama fez bonito. Expôs alguns programas oficiais de combate a exploração de crianças, elogiou o comunidade solidária que ela mesma preside, relatou a fantástica elevação do padrão de vida dos pobres a partir do Plano Real e até se gabou da bolsa-escola inventada pelo PT. No final, o Brasil assinou, com os demais participantes, uma convenção chocha, que não prevê ações concretas para a erradicação do trabalho infantil no planeta, apenas condena as formas “mais intoleráveis” - entenda-se por isso a prostituição, o tráfico de drogas, a escravidão ou o exercício profissional em condições extremamente insalubres.

De tão óbvia, a resolução foi aceita por todo mundo, até pelo governo da Índia, que não revela a mais remota disposição para encarar o problema. O governo brasileiro tem tomado medidas parciais aqui e ali, para diminuir o trabalho infantil, mas o balanço geral é um fiasco. O programa federal conseguiu tirar neste ano menos de 30.000 crianças das frentes de trabalho. No ritmo atual, serão necessários 170 anos para que mais nenhum menino ou menina seja obrigado a empunhar uma enxada ou carregar tijolos . O pior, porém, num relatório do IBGE; além das que já trabalham, diante da falta de recursos nas famílias, 1 milhão de crianças estão em busca de emprego.

(Bruno Paes Manso - Revista “VEJA”, Editora Abril ,
5 de novembro de 1997, p.105)

1.0 Leitura

- 1.1 - Leitura silenciosa pelos alunos.
- 1.2 - Leitura em voz alta pelo professor e/ou aluno(s).

2.0 Oralidade

- 2.1 - Opiniões e comentários sobre o texto.

3.0 Interpretação

- 3.1 - Qual foi o resultado final da Conferência Internacional do Trabalho Infantil realizada em Oslo, na Noruega?
- 3.2 - O termo “...semana passada...” no início do texto refere-se à data de realização da Conferência. Quando a mesma aconteceu?
- 3.3 - Por que, segundo o autor do texto, o Brasil seria um “réu” no Fórum Internacional sobre o Trabalho Infantil na Noruega?
- 3.4 - A que o autor quis se referir quando falou “...crianças entre 5 e 14 anos trabalhando nas condições mais adversas...”.
- 3.5 - Comente as seguintes colocações, feitas por Dona Ruth Cardoso:
“...elogiou o comunidade solidária que ela mesma preside, relatou a fantástica elevação do padrão de vida dos pobres a partir do Plano Real e até se gabou da bolsa-escola inventada pelo PT”.
- 3.6 - Exploração do trabalho do menor para o Brasil e demais países que usufruem da mesma, significa prostituição, tráfico de drogas, escravidão ou exercício profissional em condições extremamente insalubres. Dê sua opinião a respeito e explique a expressão “...condições extremamente insalubres”.
- 3.7 - Comente a expectativa de 170 anos para erradicar a exploração da mão-de-obra infantil no Brasil.
- 3.8 - Dê o significado da sigla IBGE e diga qual sua função.

4.0 Análise Lingüística

- 4.1 - A expressão “das quais” na linha 06 se refere a que elemento do texto?

- 4.2 - Classifique a conjunção “porém” que aparece na expressão “O pior, porém, encontra-se num relatório do IBGE...” e reescreva a frase substituindo-a por outra equivalente.
- 4.3 - Os verbos “reuniu”, linha 03 e “colocou” linha 04 concordam com que elemento do texto?
- 4.4 - Reescreva a 1ª. e 2ª. frases do texto fazendo de conta que a Conferência ainda não aconteceu. Ela se realizará na semana que vem. Observe bem as alterações que serão necessárias para que a informação fique correta.
- 4.5 - Observe a frase: “No final o Brasil assinou, com os demais países participantes, uma convenção chocha...”. Agora complete o espaço com o verbo assinar fazendo a concordância necessária:
“No final o Brasil e os demais países participantes uma convenção chocha.”
- 4.6 - O pronome “isso”, na linha 13, refere-se a que elemento do texto?
- 4.7 - “O governo Brasileiro tem tomado medidas parciais aqui e ali, para diminuir o trabalho infantil, mas o balanço geral é um fiasco”.
Observe o período acima e tente reecrevê-lo, iniciando por “Para diminuir o trabalho infantil...” e substituindo as expressões sublinhadas por outras de igual sentido.
- 4.8 - Analise e justifique o uso das aspas na expressão “mais intoleráveis”, na linha 13.
- 4.9 - Justifique o uso das iniciais maiúsculas, no 1º. parágrafo do texto.

5.0 Produção de Texto

- 5.1- Tendo como base o último parágrafo do texto “Mãos Pequenas” de Bruno Paes Manso e o inciso I do parágrafo 3º. do artigo 227 da Constituição Federal , redija um texto dissertativo, posicionando-se criticamente em relação ao assunto.
- 5.2 - Os textos serão lidos pelo professor, e apresentados à classe, que selecionará alguns para expor no mural da escola.

TEXTO 4

COMIDA

Objetivos:

- Oferecer ao aluno a oportunidade de trabalhar e entender a mensagem transmitida através da música.
- Despertar no aluno a habilidade de analisar e entender os fatos e as informações e, através deste entendimento compreender também o mundo que o rodeia.
- Tomar consciência do funcionamento da língua tornando explícita a gramática implícita em seu uso da língua.
- Permitir ao aluno expressar seus pensamentos e sentimentos através dos textos, com clareza e objetividade.

Conteúdos de Leitura, Oralidade e Escrita:

- Ouvir a música;
- Cantar a música;
- Comentários;
- Interpretação;
- Produção de texto (livre);
- Produção de texto (poético);
- Intertextualidade (filme e canção).

Conteúdos de Análise Lingüística:

- Linguagem formal e informal;
- Linguagem poética;
- Coesão e coerência textual.

Duração: 04 horas/aula.

Avaliação: A avaliação será realizada pela participação dos alunos em todas as atividades desenvolvidas.

COMIDA

Bebida é água

Comida é pasto.

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida.

A gente quer comida, diversão e arte.

A gente não quer só comida,

A gente quer saída para qualquer parte.

A gente não quer só comida,

A gente quer bebida, diversão, balé.

A gente não quer só comida.

A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.

Comida é pasto.

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer,

A gente quer comer e quer fazer amor.

A gente não quer só comer,

A gente quer comer pra aliviar a dor.

A gente não quer só dinheiro,

A gente quer dinheiro e felicidade.

A gente não quer só dinheiro,

A gente quer inteiro e não pela metade.

(Arnaldo Antunes/ Marcelo Fromer/ Sérgio Brito, “Titãs”, 1988. Apostila
Superintensivo III Milênio)

1.0 Leitura

1.1 - Apresentar o texto aos alunos para que o leiam enquanto ouvem a música.

2.0 Oralidade

2.1- Ouvir a música.

2.2 - Canto da música pela classe.

2.3 - Comentários dos alunos sobre a letra da música.

3.0 Interpretação

3.1 - Segundo os autores, o que mais as pessoas querem, além de comer e beber?

3.2 - As pessoas dos textos estudados tem fome de quê? As pessoas da letra da música tem fome de quê?

3.3 - Interprete a expressão “comida é pasto” relacionando-a com os textos anteriores.

3.4 - De que os autores estão falando no verso 20?

3.5 - Qual o real significado dos versos 23 e 24?

3.6 - Comente a expressão “a gente quer saída para qualquer parte”.

3.7 - Por que não podemos “viver a vida como a vida quer”?

4.0 Análise Lingüística

4.1 - No verso 22, o conectivo “e” dá idéia de soma, adição. Reescreva o verso utilizando outro conectivo que dê idéia de exclusão e observe se mudou o sentido da frase.

4.2 - Una os versos 17 e 18 usando um elemento conectivo e fazendo as alterações necessárias de modo que a idéia que os autores quiseram transmitir não seja alterada.

4.3 - O texto está escrito numa linguagem informal. Reescreva-o na linguagem formal, observando se o ritmo e a musicalidade permanecem os mesmos. A que conclusão podemos chegar sobre a liberdade que tem o poeta?

5.0 Produção de Texto

- 5.1 - Todo o trabalhador brasileiro, inclusive as crianças, sonham com dignidade. Sonham com outras coisas, além de comida e dinheiro, mas o salário indigno que recebem, e quando recebem, não lhes permite viver dignamente. Leia o texto e, baseado no que ele significa pra você, redija o seu texto em verso ou prosa.
- 5.2 - Os poemas e textos serão expostos no mural da escola para que todos possam apreciar.
- 5.3 - Os alunos selecionarão um texto e um poema para apresentação na noite cultural realizada pela escola.
- 5.4 - Filme: “Daens, um grito de justiça”.
- » Intertextualidade entre o filme e a canção.

TEXTO 5

NA ESCURIDÃO MISERÁVEL

Objetivos:

- Promover, através da leitura dramatizada, o desenvolvimento, no aluno, das habilidades de expressão e compreensão oral, proporcionando a livre expressão dos sentimentos através das palavras e gestos.
- Entender a significação das palavras no contexto e a intencionalidade do autor, presente nas linhas e nas entrelinhas, além de relacionar os fatos do texto com os fatos do cotidiano.
- Proporcionar ao aluno a oportunidade de compreender a importância do uso adequado dos sinais de pontuação para que a clareza das idéias e o significado global do texto não sejam prejudicados.
- Oportunizar ao aluno expressar-se com liberdade, levando em conta quem é seu interlocutor, sua visão de mundo e a situação que os envolve.

Conteúdos de Leitura:

- Leitura silenciosa;
- Leitura em voz alta;
- Dramatização;
- Interpretação.

Conteúdos de Oralidade e Escrita:

- Discussão sobre o texto;
- Relato de experiências;
- Interpretação;
- Produção de texto (crônica).

Conteúdos de Análise Lingüística e Literatura:

- Pontuação;
- Conceito de crônica e foco narrativo;
- Denotação e conotação;
- Discurso direto e indireto;
- Língua padrão.

Duração: 03 horas/aula.

Avaliação: Serão avaliadas as atividades de interpretação e a produção de textos (crônicas).

NA ESCURIDÃO MISERÁVEL

Eram sete horas da noite quando entrei no carro, ali no jardim botânico. Senti que alguém me observava, enquanto punha o motor em movimento. Voltei-me e dei com uns olhos grandes e parados como os de um bicho, a me espiar através do vidro da janela, junto ao meio-fio. Era de uma negrinha mirrada, raquítica, um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho, não teria mais que uns sete anos. Inclinei-me sobre o banco, abaixando o vidro.

- O que foi, minha filha? - perguntei, naturalmente, pensando tratar-se de esmola.

- Nada não senhor - respondeu-me, a medo, um fio de voz infantil.

- O que é que você está me olhando aí?

- Nada não senhor - repetiu. - Tou esperando o ônibus...

- Onde é que você mora?

- Na praia do Pinto.

- Vou para aquele lado. Quer uma carona?

Ela vacilou, intimidada. Insisti, abrindo a porta:

- Entra aí, que eu te levo.

Acabou entrando, sentou-se na pontinha do banco, e enquanto o carro ganhava velocidade, ia olhando para a frente, não ousava fazer o menor movimento. Tentei puxar conversa:

- Como é o seu nome?

- Teresa.

- Quantos anos você tem, Teresa?

- Dez.

- E o que estava fazendo ali, tão longe de casa?

- A casa da minha patroa é ali.

- Patroa? Que Patroa?

Pela sua resposta, pude entender que trabalhava na casa de uma família no jardim Botânico: lavava roupa, varria a casa, servia à mesa. Entrava às sete da manhã, saía às oito da noite.

- Hoje saí mais cedo. Foi jantarada.

- Você já jantou?

- Não. Eu almocei.

- Você não almoça todo o dia?

- Quando tem comida pra levar, eu almoço; mamãe faz um embrulho de comida para mim.

- E quando não tem?

Quando não tem, não tem. - e ela até parecia sorrir, me olhando pela primeira vez.

Na penumbra do carro, suas feições de criança, esqueléticas de pobreza, podiam ser as de uma velha. Eu não me continha mais de aflição, pensando nos meus filhos bem-nutridos - um engasgo na garganta me afogava no que os homens experimentados chamam de sentimento burguês:

- Mas não te dão comida lá? - perguntei revoltado.

- Quando eu peço eles dão. Mas descontam no ordenado, mamãe disse para eu não pedir.

- E quanto é que você ganha?

Diminui a marcha, assombrado, quase parei o carro. Ela mencionara uma importância ridícula, uma ninharia, não mais que alguns trocados. Meu impulso era voltar, bater na porta da tal mulher e meter-lhe a mão na cara.

- Como é que você foi parar na casa dessa... foi parar nessa casa? - perguntei ainda, enquanto o carro, ao fim da rua do Leblon, se aproximava das vielas da praia do Pinto. Ela disparou a falar:

Eu estava na feira com a mamãe e então a madame pediu para eu carregar as compras e aí noutro dia pediu pra mamãe para eu trabalhar na casa dela, então mamãe deixou porque mamãe não pode deixar os filhos todos sozinhos e lá em casa é sete meninos fora dois grandes que já são soldados pode parar que é aqui moço, obrigado.

Mal detive o carro, ela abriu a porta e saltou, saiu correndo, perdeu-se logo na escuridão miserável da praia do Pinto.

1.0 Leitura

- 1.1 - Leitura silenciosa pelos alunos.
- 1.2 - Leitura em voz alta pelo professor.
- 1.3 - Leitura dramatizada pelos alunos.

2.0 Oralidade

- 2.1 - Discussão sobre o texto.
- 2.2 - Relato de experiências vivenciadas, presenciadas ou ouvidas.

3.0 Interpretação

- 3.1 - Qual o foco narrativo do texto? Destaque uma passagem do texto que comprove sua resposta.
- 3.2 - Descreva as mudanças da atitude da menina durante o trajeto que fez no carro do personagem-narrador.
- 3.3 - O cronista Fernando Sabino, ao escrever a crônica, narra a história e, ao mesmo tempo participa dela. Na análise literária, dizemos que ele é um “personagem-narrador”. Por que ele, o personagem-narrador, usou a expressão “O que foi , minha filha”, ao se dirigir à menina?
- 3.4 - O texto de Fernando Sabino é narrativo, descritivo ou dissertativo? Comente.
- 3.5 - Na expressão “...um fiapo de gente encostado ao poste como um animalzinho...”, por que o autor se referiu à menina nestes termos?
- 3.6 - Analise as expressões:
 - “Eu não me continha mais de aflição...”
 - “...perguntei revoltado”.
 - “Diminuí a marcha assombrado”.Qual o fato que despertou no autor esses sentimentos?
- 3.7 - O que o autor quis dizer com a expressão “sentimentalismo burguês”?
- 3.8 - O que o autor quis demonstrar com a falta de pontuação no penúltimo parágrafo do texto?

- 3.9 - Na sua opinião, por que a menina aparentava menos idade do que realmente tinha?
- 3.10 - Relacione o título ao último parágrafo do texto e comente.

4.0 Análise Lingüística

- 4.1 - Reescreva o 1º. parágrafo, mudando o foco narrativo para a 1ª. pessoa do plural.
- 4.2 - Reescreva a 2ª. parte do diálogo entre o personagem - narrador e a menina, usando o discurso indireto e a norma culta da língua.
- 4.3 - Na expressão "...ia olhando duro para a frente..." a palavra "duro" foi usada no sentido conotativo. Qual é o sentido real dela? Reescreva a frase, usando o real sentido da palavra no contexto.
- 4.4 - Na frase: "- Mas não te dão comida lá? - perguntei revoltado.", Qual é a justificativa para o uso do travessão e letra minúscula após o ponto de interrogação.
- 4.5 - "...tal mulher e meter-lhe a mão na cara" é uma expressão "chula". Há uma razão para que o autor a use? É comum o uso dessa expressão em nossa região? Justifique.
- 4.6 - Complete as reticências do período "- Como é que você foi parar na casa dessa ...". Por que você usou essa expressão?
- 4.7 - Reescreva a última fala da menina, pontuando-a corretamente.

5.0 Produção de Texto

- 5.1 - A crônica é um texto redigido de forma livre e pessoal, descompromissado com a verdade ou verossimilhança, cujo tema em geral são fatos da atualidade ou simplesmente relativos a vida cotidiana. Com base nesta definição convide um colega, e juntos escrevam uma crônica tendo como tema a exploração da mão-de-obra infantil em nosso município.
- 5.2 - Escolher, com os alunos, a(s) melhor(es) crônica(s) para publicação no Informativo Municipal.

CONCLUSÃO

A aprendizagem é um movimento constante na vida dos indivíduos. Todos se encontram permanentemente em processo de formação, onde os novos conhecimentos “explicam” e ajudam compreender a realidade e vão sendo superados por outros que ampliam sempre os anteriores. Ninguém educa ninguém, mas todos se educam coletivamente, no espaço social. O processo exige que o indivíduo esteja constantemente construindo e reconstruindo seu conhecimento, seguindo suas experiências e saberes formados ao longo da vida e das práticas. Partir de suas práticas como saberes de experiências feitas e confrontá-los com o saber do outro.

Neste processo de aprendizagem, vinculado ao mundo do trabalho e à prática social, o conhecimento, produzido ou reproduzido, instrumentaliza o indivíduo para um agir que contribua para a transformação da realidade em que vive.

À escola cabe conhecer a realidade objetiva e coletiva dos alunos, que está marcada pelas condições de classe, de sexo, de etnia e também a realidade subjetiva que é à maneira pela qual cada um vai reagir às condições impostas pelo contexto mais amplo. Isto significa “olhar” para os alunos procurando conhecer o que eles têm a dizer, os sentidos que vão atribuindo à sua existência e a sua história de vida, percebê-los nas suas diferenças enquanto pessoas, reconhecendo aí o saber construído para, através da prática pedagógica, proporcionar-lhes subsídios que permitam o desenvolvimento da sua imaginação criadora na construção de novos conhecimentos.

Em vista disso, as atividades constantes nesse trabalho foram desenvolvidas com a finalidade de estimular o aluno a percorrer os caminhos da oralidade e da manifestação do pensamento através da escrita e/ou debate, posicionando-se criticamente diante dos acontecimentos, compreendendo os problemas que afligem a sociedade e colaborando criativamente para solucioná-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER. *Como Incentivar o Hábito da Leitura*. SP: Ática, 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. SP: Scipione, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e Alfabetização*. SP: Contexto, 1992.
- FARACO, C. A ., MANDRYK, D. *Prática de Redação para Estudantes Universitários*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FARACO, C. A ., TEZZA, C. *Prática de Texto*. RJ: Vozes, 1992.
- _____ *Oficina de Texto*. Apostila UFPR, 1996.
- FAZENDA, Ivani. *Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro*. SP: Loyola, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Leitura: Teoria e Prática*. SP: Mercado Aberto, 1985.
- _____ *A importância do Ato de Ler*. SP: Cortez, 1982.
- GERALDI, João Wanderley. (organizador). *O Texto na Sala de Aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- ILARI, Rodolfo. *A linguística e o Ensino da Língua Portuguesa*. SP: Martins Fontes, 1989.
- KOCH, I. V., TRAVAGLIA, L. C. *Texto e Coerência*. SP: Cortez, 1989.
- LAJOLO, Mariza. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. SP: Ática, 1982.
- POSSENTI, Sirio. *Porque (não) Ensinar Gramática na Escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ - Departamento de Ensino do primeiro grau. *Currículo Básico*. Curitiba. Imprensa Oficial, 1992.
- SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. SP: Ática, 1989.
- VYGOTSKY, Levi S. *A Formação Social da Mente*. SP: Martins Fontes, 1978.